

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.071](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.071)

O QUE FAZ O COORDENADOR PEDAGÓGICO? REFLEXÕES SOBRE A SUA ATUAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Karla Karoline Silva VITOR

Mestranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, karla.vitor@ufpe.br;

Sirlene Barbosa de SOUZA

Doutora em Educação. Professora da Universidade de Pernambuco – UPE.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a função desempenhada por 4 coordenadores pedagógicos dos Anos Iniciais, que atuam nas redes municipais de ensino das cidades de Olinda e de Recife. Em uma abordagem qualitativa, realizamos entrevistas semiestruturadas com as mesmas, a fim de obtermos, entre outras informações, as suas concepções acerca do papel desse profissional no espaço escolar, as funções que desenvolvem nos seus ambientes de trabalho e as suas contribuições no/para os processos de ensino e de aprendizagem, além da relação entre a gestão, o corpo docente, discente e as famílias dos alunos que frequentam a escola. Após a coleta e análise dos dados, concluímos que as coordenadoras procuram executar suas atribuições com empenho, no entanto, a identidade da função de coordenador pedagógico ainda precisa ser muito discutida e refletida, pois as mesmas, parecem, ainda, em determinadas situações, terem dificuldades de definir seu papel no ambiente escolar, executando, muitas vezes, atribuições que não lhes compete, algumas conscientemente, outras não.

Palavras-chaves: Coordenador pedagógico. Função e (des)função). Comunidade escolar.

1 INTRODUÇÃO

A identidade do coordenador pedagógico vem se construindo já há muito tempo. Foi, a partir de meados do século XX, com a publicação da LDB 4.02/61 começaram a surgir as primeiras alusões ao que hoje nomeamos de coordenador pedagógico. Entre as funções que lhes cabiam executar estavam a de aplicar os métodos e programas aos professores prestando-lhes assistência técnica, orientações e corrigindo-os. Seus serviços eram basicamente controlar as atividades dos professores, dos alunos e das famílias visto que o país enfrentava um regime político ditatorial.

Traçando um percurso histórico do trabalho do coordenador pedagógico ao longo dos anos até os dias atuais, verifica-se que, de certa maneira, ele foi e é, ainda, determinado pelo contexto social e político que está posto em cada tempo e traz arraigado nele um caráter fiscalizador e controlador (CORRÊA; FERRI, 2016; BORTOLOTTI, 2003).

No entanto, apesar dessa visão controladora e fiscalizadora que muitas vezes é atribuída ao coordenador pedagógico, este o profissional é um importante personagem no fazer pedagógico da escola, sendo comum ouvir de professores e gestores a falta que faz no cotidiano escolar. Nessa perspectiva, vale salientar que é ele quem articula, orienta, planeja, avalia e socializa o trabalho pedagógico, promove formações, integra família-escola, professor-aluno, professor-gestão, assumindo um papel de liderança desse “fazer” e tudo que a este envolve, é ele ainda, quem busca fazer a mediação dos conflitos que surgem na comunidade educativa, sejam eles de cunho pedagógico ou pessoal.

Diante do aqui exposto, verifica-se que a este sempre coube e cabe muitas atribuições, mas é perceptível também, que o coordenador pedagógico assumiu e continua a assumir muitas outras responsabilidades que não lhe cabe ou que reduz as suas ações, mais uma vez, a de um mero de fiscal das práticas dos docentes, como bem pontua Fernandes (2009). Pesquisas realizadas sobre o papel do coordenador pedagógico nas escolas revelaram que nas redes públicas de ensino, ele continua realizando atividades exaustivas e que pouco ou nada contribuem para como trabalho pedagógico. Miziara, Ribeiro e Bezerra, (2014, p. 612) em uma

pesquisa bibliográfica que reuniu 38 trabalhos, mostraram que em 15 desses estudos, revelaram que os coordenadores pedagógicos têm seu tempo utilizado para atividades “triviais e sem foco”.

Esta pesquisa surge exatamente por se observar a (des) função cada vez mais crescente no trabalho do coordenador pedagógico dentro das escolas, sendo a ele dada atribuições, entre as quais, estão o constante preenchimento de planilhas, a realização de monitoramentos burocráticos, a participação em reuniões e/ou formações que o tiram do ambiente escolar constantemente, enquanto mal podem realizar e planejar as próprias ações e formações com sua equipe na própria escola. A isso, soma-se, ainda, a limitação da autonomia no planejamento das ações pedagógicas necessárias de acordo com a realidade escolar que trabalha, além do excesso de problemas e conflitos que também recebe a incumbência de solucionar, atendendo sempre a emergências que atropelam o planejamento das atividades dispostas em suas agendas, que muitas vezes nem são abertas diante das múltiplas situações.

Diante das questões aqui suscitadas, nessa pesquisa tivemos como objetivo analisar a função desempenhada por 4 coordenadores pedagógicos dos anos iniciais, que atuam nas redes municipais de ensino das cidades de Olinda e de Recife. E, para dar conta do nosso objeto de estudo, traçamos os seguintes objetivos específicos, a saber:

- Analisar as concepções dos coordenadores pedagógicos estudados, acerca das suas funções no espaço escolar;
- Identificar as atribuições desempenhadas pelas coordenadoras pedagógicas no exercício das suas funções nas instituições em que atuam;
- Analisar os desafios enfrentados e mencionados por esses profissionais no seu trabalho cotidiano de trabalho.

Assim, iniciaremos discutindo sobre como tem acontecido, ao longo dos anos, o trabalho da coordenação pedagógica nas instituições de ensino no Brasil, refletindo sobre a sua identidade profissional, suas atribuições e como os mesmos entendem ser o seu papel no espaço escolar, à luz das ideias de alguns estudiosos (CORRÊA E FERRI, 2016; PLACCO, 2014; SILVA, 2014; FRANCO, 2008).

Em um segundo momento, apresentaremos o desenho metodológico que traçamos para a coleta dos dados e os instrumentos utilizados para a apreensão dos mesmos. Em seguida, refletiremos sobre os mesmos, buscando um diálogo com os autores referenciados neste estudo e, por fim, teceremos algumas considerações acerca do que aqui foi discutido.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1. COMO SURTIU O COORDENADOR PEDAGÓGICO NO ESPAÇO ESCOLAR? UM BREVE HISTÓRICO

No cenário educacional brasileiro, na primeira metade do século XX, já havia um profissional voltado para a ação supervisora da escola, o inspetor escolar. A este cabia inspecionar e orientar as práticas educacionais para garantir os objetivos da educação conforme as normas prescritas pelos órgãos que regiam a educação na época. De acordo com Corrêa e Ferri (2016, p.44) “a prática deste profissional passou a ser a forma eficaz de controlar a qualidade da educação que se almejava na época... cabia a eles a função de fazer visitas regulares às escolas e informar, em seus relatórios, as instâncias superiores, sobre o andamento das aulas e sobre a prática docente”.

Em 1950, surge no Brasil o PABAE (doravante Programa Americano Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar), passa a determinar que esse orientador de escola ou orientadores pedagógico, seja formado para ser o professor dos professores e responsável por difundir o programa nas escolas enquanto técnico especialista em educação, modernizando as práticas educacionais, inserindo tecnologias atuais e adequando a escola às necessidades emergentes de uma sociedade industrial e capitalista. (DOMINGUES, 2015, p. 24)

Nessa direção, a LDB 5540/68 cria as habilitações do curso de pedagogia, bacharelado e licenciatura, então os profissionais voltados para a ação mais técnica e supervisora da educação passam a ser formados na graduação, bacharelado, e os professores regentes da sala de aula em licenciatura. Já a LDB 5692/71 vai determinar que os supervisores educacionais, orientadores e

administradores escolares sejam especialistas formados pelo curso de Pedagogia, logo há um crescimento no curso de Pedagogia aos quais cabiam estas habilitações e também a de licenciatura. É a partir de então que passa a se chamar supervisores, os que antes eram orientadores.

Corrêa e Ferri (2016, p.48) esclarecem que “os supervisores escolares eram responsabilizados pelo acompanhamento do trabalho realizado pelos professores. Tinham a função de analisar os planos de aula, bem como acompanhar o desenvolvimento de suas aulas”. Vê-se que em todo esse movimento há uma separação hierárquica dos profissionais da educação, os supervisores eram especialistas considerados técnicos em educação e superiores aos professores. Contudo aumenta ainda mais a distância entre o supervisor, especialista da teoria, e o professor de sala de aula, especialista da prática.

Após meados da década dos anos 1970, com as mudanças do cenário político brasileiro, ocorrem também mudanças na educação com a abertura às discussões e reflexões, em alguns lugares o supervisor se torna mais pedagógico e em outros permanece mais jurídico e burocrático, características que cabiam perfeitamente ao período político que tinha se instaurado no país por anos.

Nos anos 1980, com a redemocratização do país emerge uma discussão sobre o perfil desses profissionais da supervisão escolar, nesse período, estes passaram a receber muitas críticas por serem considerados técnicos frios e distantes da sala de aula. Surge então o debate sobre um supervisor com um perfil de aliado do professor e que saía da condição de superioridade quanto a estes, situação que se instalou durante décadas no Brasil. O que importava nesse momento é a atuação desse supervisor no cotidiano escolar com ideias democráticas e parceria que não seja um competidor do orientador ou do administrador educacional, nasce então, no final do século XX, a figura do coordenador pedagógico que atenda às necessidades pedagógicas da escola trabalhando em parceria com os professores, gestão, alunos e famílias.

Com a LDB 9394/96, os Pareceres CNE/CP de nº 05/2005, e CNE/CP de nº 03/2006 encerraram as habilitações nos cursos de Pedagogia ficando a cargo dos cursos de pós-graduação a formação de especialistas. Os novos tempos do século XXI surgem novas

exigências no que se refere ao fazer pedagógico da escola, e o coordenador pedagógico está construindo sua identidade profissional e compreendendo suas funções.

2.2 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E O SEU PAPEL NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

É diante deste contexto de ressignificação da educação que surgiu a função nomeada coordenação pedagógica e que vai tomando forma diante das necessidades do tempo presente e que ainda, conforme Domingues (2015), não tem sua profissionalidade comum definida em todo o Brasil.

Enquanto função, podemos dizer, então, que a coordenação pedagógica é, relativamente, nova. Conforme o que aqui já foi relatado, teria essa função, em média, uns 40 a 50 anos de existência na educação brasileira. Tempo que poderíamos considerar suficiente para construção e estabelecimento de uma identidade mais consolidada e que tivesse definido suas funções e seus instrumentos de trabalho, bem como seu público alvo.

No entanto conforme os dados das pesquisas desenvolvidas por Domingues (2015,) e Placco (2014), revelam que o Coordenador Pedagógico tem atuado em todo contexto escolar, realizando múltiplas atividades, as quais, muitas vezes, não se configuram como suas funções, na medida em que as, suas atribuições específicas se perdem em meio ao todo e aos “incêndios” cotidianos que têm de apagar.

Nessa perspectiva, este profissional parece não saber em que direção seguir. Conforme Venas (2015, p.9) os professores que assumiram a coordenação pedagógica quando pedagogos já tinham formação mais específica, enquanto os professores com licenciaturas não, e ambos, porém, nem sempre tinham domínio sobre as funções que deveriam desempenhar e não recebiam formações direcionadas a estas. As secretarias de educação preocupavam-se em dar orientações sobre programas a serem desempenhados nas escolas pelos docentes junto aos coordenadores pedagógicos que deveriam exercer controle sobre as ações dos professores.

Devemos levar em conta que um bom professor de matemática nem sempre se torna um bom coordenador, pela falta da habilidade para o cargo ou pela falta de conhecimento técnico, pois este não é fornecido em formação complementar pela Secretaria; assim, nem sempre o próprio pedagogo dispõe dessa habilidade, apesar do conhecimento técnico para o desenvolvimento da função. (VENAS, 2015,p.9)

No entanto, é preciso considerar que a identidade deste profissional se constrói no exercício cotidiano de suas ações. David (2017, p.155) conclui sua pesquisa afirmando que “a identidade profissional do Coordenador Pedagógico não se constrói apenas nas relações de trabalho, mas envolve outros fatores: compromisso social e comprometimento do próprio sujeito com sua profissão.”

Dialogando com esse estudioso, Franco (2008) em sua pesquisa considerou a falta de formação inicial um dos grandes problemas dos coordenadores pesquisados de perceberem-se produtivos e eficientes, relata ainda que estes eram sufocados pelas “urgências do cotidiano” e as “requisições da direção escolar”.

Em 2008, poucos anos após o surgimento da função de coordenador pedagógico, Franco (2008) já pontuava em seus estudos que:

[...] é necessária a resignificação e reconstrução do papel identitário desses profissionais, na perspectiva de que o desenvolvimento profissional deveria emergir de processos de reflexão crítica dos sujeitos como pessoas historicamente inseridas num contexto político institucional próprio. (p.119)

Diante disso, podemos perceber que a função de coordenador pedagógico, a qual surgiu da necessidade dos docentes de obterem um maior apoio às suas práticas de ensino, vai se perdendo em meio às atividades técnicas e burocráticas. A história parece vir se repetindo e esse profissional continua realizando as ações dos supervisores nas escolas, além de outras aqui já mencionadas.

2.3. O COORDENADOR PEDAGÓGICO NA ATUALIDADE: FUNÇÕES E ENCONTROS E DESENCONTROS NO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Franco (2018), ao realizar uma pesquisa com 30 coordenadores pedagógicos no litoral Paulista, tendo como foco a discussão sobre a especificidade da tarefa pedagógica, afirmou que partindo de uma análise contextual e crítica, que é necessária a compreensão de que o papel profissional do coordenador pedagógico está diante das:

[...] urgências da prática e oprimidos pelas carências de formação inicial, encontra-se dilacerados frente aos imediatos afazeres de uma escola, caminham sem projetos, sem estrutura, apenas improvisando soluções a curto prazo, de forma a sobreviver diante das demandas burocráticas". (p.119)

A autora traz a discussão da falta de formação específica destes coordenadores que em sua maioria eram de áreas do conhecimento, e que os mesmos reconheciam terem dificuldades e percebiam a escola como um ambiente sem planejamento e com muitos improvisos de ações baseadas no bom senso. Corroborando com Lima e Santos (2007, p.79-80) ao afirmarem que o coordenador veste um modelo a ele atribuído que é forjado em crenças institucionais e no senso comum, estas geram uma desorientação quanto a identidade desses profissionais que inviabiliza a reflexão sobre suas práticas. Os participantes relataram ainda que se sentiam exaustos, aflitos e angustiados por trabalharem muito em coisas que pouco corresponde ao seu trabalho de fato como tarefas burocráticas.

David (2014, p.12), relata que o trabalho das coordenadoras, por ele pesquisadas, parecia ser atropelado pelas emergências cotidianas, diferentes solicitações e imprevistos que as levavam a admitir "não conseguir, na maioria das vezes, definir uma ação que integrasse as atividades da própria rotina com as atividades consideradas importantes, como a organização das dinâmicas formativas na escola".

Placco (2014,p.1), nessa mesma direção, a partir dos seus estudos, também afirma que o cotidiano do coordenador pedagógico “é marcado por experiências e eventos que o levam, com frequência, a uma atuação desordenada, ansiosa, imediatista e reacional, às vezes até frenética”

O Estatuto do Magistério das redes públicas de ensino de Olinda (2005), na qual atuam duas das coordenadoras, sujeitas dessa pesquisa, em seu artigo 7º apresenta a função do coordenador pedagógico como função técnico-pedagógica e elenca suas atribuições. Na rede de Recife onde atuam as outras duas coordenadoras aqui estudadas, em sua Instrução Normativa Nº 04 / 2016, dispõe sobre função técnico-pedagógica de coordenação pedagógica no artigo 11º apresentando ações como demandas da função.

Os dois documentos deixam claro que as redes entendem a função do coordenador pedagógico nas escolas, enquanto articulador, formador e mediador das ações escolares, em prol de um processo de ensino e aprendizagem de qualidade e sucesso, o que vem a dialogar com as teorias apresentadas em algumas pesquisas como a MIZIARA, RIBEIRO E BEZERRA, 2014; CUNHA E PRADO, 2014; PLACCO E SOUZA, 2014; ALMEIDA, 2014; FRANCO, 2008, abordados neste trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa pesquisa fizemos a opção pela abordagem qualitativa por esta buscar compreender e interpretar os fenômenos sociais e a subjetividade humana (SANTOS FILHO, 2007). Assim, neste estudo, tivemos como objetivo analisar a função desempenhada por 4 coordenadores pedagógicos dos anos iniciais, que atuam nas redes municipais de ensino das cidades de Olinda e de Recife. Discutindo sobre como tem sido desempenhada a função por esse profissional ao longo da história da educação brasileira, descrevendo quais suas atribuições na teoria e na prática, bem como as atribuições que este considera próprias ou não de sua função, analisando suas concepções quanto à função pelas coordenadoras e verificando, ainda, como os gestores das escolas percebiam o papel dos coordenadores pedagógicos.

Para dar conta de atender o objetivo desta pesquisa, escolhemos como percurso metodológico para coleta de dados duas etapas: questionários e entrevistas semiestruturadas.

Na primeira etapa aplicamos questionários que foram desenvolvidos usando a ferramenta *Google Forms*, e enviados através de link por WhatsApp aos participantes, a fim de coletar dados relacionados à sua formação acadêmica e profissional, seus campos de atuação, entre outros aspectos. Desse modo, o questionário nos permitiu uma análise prévia para que, conhecendo algumas informações, para que fosse estabelecido o melhor caminho para a realização de um diálogo dinâmico nas entrevistas.

Na segunda etapa realizamos as entrevistas uma forma de “obtenção de informações importantes e de compreender as perspectivas e experiências das pessoas”. (LAKATOS; MARCONI 2004). Usamos o WhatsApp como recurso de comunicação entre pesquisadores e pesquisados diante da impossibilidade de uma entrevista presencial com a pandemia da Covid-19.

3.1. OS SUJEITOS DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa foram selecionados 4 coordenadores pedagógicos e os respectivos gestores das escolas onde exercem suas funções, todos atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas redes municipais de ensino de Recife e Olinda. A seguir apresentamos estes participantes, bem como os nomeamos e suas respectivas escolas usando as letras A, B, C e D.

3.1.1. Quem eram os coordenadores, sujeitos dessa pesquisa?

Coordenador Pedagógico A (CPA)

A coordenadora A (CPA) graduou-se em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE), especializou-se em Literatura Brasileira pelas Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTIVISA). Exerce o magistério há 30 anos, atua na coordenação há mais de 10 anos em escolas da prefeitura de Recife. Atualmente é coordenadora na Escola A no Ensino Fundamental Anos Iniciais nos horários da manhã e da tarde. Passou a ser coordenadora através de seleção interna e seu interesse pela função deu-se por querer ampliar seus conhecimentos pedagógicos.

Coordenador Pedagógico B (CPB)	A coordenadora B (CPB) fez graduação em Pedagogia e especialização em Supervisão e Coordenação Pedagógica na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atua no magistério há 30 anos. Está atuando como coordenadora há mais de 3 anos, nos turnos da manhã e da tarde. Ingressou na função, através de seleção interna, por acreditar que podia contribuir com a melhoria da qualidade do ensino em sua cidade. Atualmente coordena os Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola B, de Recife.
Coordenador Pedagógico C (CPC)	“A coordenadora C (CPC) é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especializou-se em Cultura Pernambucana pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Desempenhava o magistério há 20 anos, atuando na coordenação há cerca de 2 anos em escolas da prefeitura de Olinda. Atualmente é coordenadora na Escola C no Ensino Fundamental Anos Iniciais no horário da tarde. Trabalha como professora regente em outra escola na Rede de Recife também em turmas de Ensino Fundamental Anos Iniciais. Ingressou através de seleção interna na função de coordenadora, a qual escolheu exercer por se identificar.”
Coordenador Pedagógico D (CPD)	A coordenadora D (CPD) cursou Letras e especializou-se em Educação Infantil e Alfabetização na Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO). Exerce o magistério há 28 anos, atuando na coordenação a mais de 5 anos, função na qual ingressou por seleção interna e escolheu exercer por desejar partilhar e trocar experiências. É coordenadora do Ensino Fundamental Anos Iniciais, da Escola D, em Olinda, no turno da tarde, e também desempenha esta função em escola da Rede privada no período da manhã.

3.1.2. Quem eram os Gestores?

Gestor A (GA)	Cursou Pedagogia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), especializou-se em Educação Especial em 2007, na Faculdade Santa Helena. Atua no magistério há 24 anos e escolheu ser professora porque sua mãe era professora. Trabalha na Rede de Recife/PE, também há 24 anos, na mesma escola atuou como professora, coordenadora e atualmente é gestora trabalha de segunda a sexta durante os turnos da manhã e da tarde. Foi indicada para função e aceitou por ser uma continuidade na carreira de trabalho. A Escola A atende a Educação Infantil e o Ensino Fundamental Anos Iniciais, nos horários da manhã e da tarde.
Gestor B (GB)	É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, especializou-se em Educação Empresarial na Faculdade Joaquim Nabuco. É professora há 15 anos e atualmente trabalha nos turnos da manhã e da tarde, de segunda a sexta, na Escola B, para a qual foi indicada para gestão escolar e vem atuando há mais de 3 anos na rede de Recife. A Escola B atende a Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Gestor D (GD)

“Cursou Pedagogia na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC), especializou-se em Gestão Escolar na Fundação de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FADEPE) e Educação Integral na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Exerce o magistério há 20 anos e escolheu ser professora porque desde criança se identificava com a profissão. Trabalha como professora, no Ensino Fundamental Anos Iniciais, no horário da tarde, em uma escola da rede de Paulista/PE. Tem atuado como gestora há mais de cinco anos na Escola C, no turno da tarde de segunda a sexta, que atende ao Ensino Fundamental Anos Iniciais na Rede de Olinda/PE. Foi eleita para a gestão, na qual escolheu trabalhar por ter o desejo de conhecer e se desenvolver aprendendo mais sobre a função.”

Gestor D

Cursou Licenciatura em Matemática na Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTVISA), tem Doutorado em Gestão Escolar pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN). Exerce o magistério há 17 anos e tem atuado na gestão escolar há mais de 3 anos, trabalhando no turno da tarde de segunda a sexta. Atualmente é gestor em escolas de Olinda e Recife, atendendo desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais.

3.2. PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados, obtidos através da aplicação dos questionários e das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, passamos a análise dos mesmos, tomando por base, a análise de conteúdo de Bardin (2011, p.15), ao pontuar que “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nessa seção, refletiremos sobre as funções desempenhadas por 4 coordenadoras pedagógicas dos Anos Iniciais, no espaço escolar, a partir dos dados coletados durante as entrevistas que com elas empreendemos. Para uma melhor compreensão desses dados, organizamos as falas das coordenadoras, com base nas seguintes categorias: (1) Concepções sobre a função da coordenação pedagógica; (2) A coordenação pedagógica e a gestão escolar; (3) A coordenação pedagógica no espaço escolar – entre o discurso e a prática.

4.1. CONCEPÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Demos início às nossas entrevistas com as coordenadoras pedagógicas, solicitando que as mesmas falassem sobre as suas concepções acerca da função de coordenador pedagógico e como elas desempenhavam o seu trabalho no espaço escolar.

A partir das suas falas, verificamos que as 4 coordenadoras pontuaram que faziam parte das suas funções acompanhar a aprendizagem dos alunos, acompanhar e orientar o trabalho dos professores e ser responsável por estabelecer um elo entre as pessoas que formam a comunidade escolar (gestão, professores, pais, e alunos).

Vejamos essas colocações nos trechos a seguir,

A função do Coordenador Pedagógico a defino em quatro frases: SABER OUVIR; TENTAR RESOLVER; ESTAR JUNTO; INOVAR , PESQUISAR E ESTUDAR; UNIFICAR AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS. (CPA)

(...) Estabelecer um elo entre professor, coordenação e gestão. Participar ativamente da elaboração do PPP (Projeto Político Pedagógico), do acompanhamento e efetivação das ações planejadas, tendo como foco a melhoria do ensino-aprendizagem. (CPB)

Eu penso que o coordenador é um elo entre os professores, os gestores e pais. É uma ponte com vários caminhos. A nossa função é melhor auxiliar no trabalho pedagógico dos professores, tanto no individual, como no grande grupo, com o objetivo de ter os melhores resultados de aprendizagem dos estudantes. (CPC)

Acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, avaliar os rendimentos, supervisionar e orientar a prática pedagógica, fortalecer a parceria com os pais, alunos e professores, promover a formação continuada posicionando-se como elo entre currículo e professores. (CPD)

Nestas falas as coordenadoras corroboram com as ideias de Azevedo; Nogueira e Rodrigues (2012, p.23) ao afirmarem que o coordenador pedagógico deve “identificar as necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que priorizem um trabalho educacional de qualidade”.

É importante destacar a colocação da CPD, que ao elencar as suas funções pedagógicas, acrescenta em sua fala, que promover a formação continuada em lócus, constitui-se como uma das

principais atividades a serem desempenhadas na escola. Essa colocação da coordenadora dialoga com as ideias de Cunha e Prado (2014, p. 2), ao defender que “valorizar a formação voltada para a reflexão sobre a prática do professor e sobre os conhecimentos e saberes que o professor já construiu na sua experiência docente implica valorizar sua prática e seu saber-fazer”.

Verificamos, também, no depoimento da CPD, que ela fez alusão à ação de supervisionar os professores, ação ainda muito recorrente na função desses profissionais. No entanto, como já pontuamos no decorrer desse trabalho, na contramão desse papel desempenhado, muitas vezes pelos coordenadores pedagógicos, verifica-se na história da educação brasileira, mas precisamente, na história do surgimento do coordenador pedagógico, uma ligação entre as funções de supervisor, de orientador e de coordenador pedagógico que esse surge justamente para atender as demandas pedagógicas dos professores que desejavam mais parceria e menos controle para suas atividades.

Estes papéis parecem se entrelaçar e, muitas vezes, se confundem muito dentro do ambiente escolar. Domingues (2015), define como função do supervisor atividades de articulação entre as dimensões administrativas e as pedagógicas, já ao coordenador, caberia às atividades voltadas para as dimensões de acompanhamento das ações pedagógicas dos docentes e a aprendizagem dos alunos. Discordando dessa autora, Azevedo; Nogueira e Rodrigues (2012, p. 22) acrescentam que a função desse profissional “é gerenciar, coordenar e supervisionar todas as atividades relacionadas com o processo de ensino e aprendizagem, visando sempre à permanência do aluno com sucesso”.

Este discurso da CPD, no entanto, discorda da concepção da CPB. Ao perguntarmos sobre as mudanças que percebiam no desenvolvimento das atividades realizadas pelo coordenador pedagógico nos últimos anos, a CPB pontuou justamente a mudança na visão repressora deste, já que o percebe deixando de ser um mero fiscalizador e passando a ser visto como parceiro.

Ao longo dos anos, a visão repressora de tempos remotos, formada em relação ao papel do coordenador tem passado por grandes mudanças, este deixou de ser visto como mero fiscalizador do trabalho realizado pelo professor e passou a ser visto como colaborador, facilitador, parceiro, que trabalha junto com o professor visando a melhoria do ensino aprendizagem. (CPB)

Nesse ponto da entrevista, destacamos também, na fala da CPC, que ela apontou como principal mudança, a presença do coordenador pedagógico nas escolas, visto, que, segundo ela, quando atuou como professora, foram raros os momentos em que houve a figura desse profissional na instituição.

Eu sou coordenadora tem apenas um ano e meio, todo o restante do meu tempo na educação foi na sala de aula e quase nunca tive coordenadora. Na rede em 16 anos no magistério eu só tive 2 anos com coordenação. Então para mim a principal mudança é ter a figura do coordenador na escola, o aumento do olhar sobre a importância que essa figura tem para o bom desempenho e andamento da escola. (CPC)

Ainda no tocante à função do coordenador pedagógico, a CPB fez referência ao PPP, colocando como sua função, a participação ativa na elaboração desse documento, em sua atualização e desenvolvimento na escola. Além da CPB, apenas a CPC fez alusão ao PPP concordando com CPB, ao falar da atuação na construção e reconstrução deste documento norteador das ações escolares. Vale salientar que é o PPP um documento “basilar em todas as dimensões do planejamento educacional” e do aspecto administrativo “elemento por excelência da concretização do princípio da gestão democrática” (PACCO, 2016, p.102).

Contudo, percebemos que todas as coordenadoras apresentaram uma concepção sobre as suas funções muito atreladas ao fazer do coordenador pedagógico no sentido de elencar as suas atribuições cotidianas, não chegando a colocar uma definição mais específica ao seu papel. Parecem ainda estarem perdidas sobre qual é este, como podemos ver nos trechos de suas falas: “É uma ponte com vários caminhos.”(CPC) e “O coordenador pedagógico atua de diversas formas no ambiente escolar.”(CPB).

Silva (2014) concluiu sua pesquisa sobre o trabalho articulador do coordenador pedagógico, pontuando os principais desafios da escola atual é entenderem que:

o professor-coordenador ou, o coordenador pedagógico é aquele que durante o ano articula a equipe pedagógica em torno do melhor cumprimento do que foi estabelecido no projeto político-pedagógico, coordenando seus diversos desdobramentos: planejamento, acompanhamento e avaliação. (p.14)

Ao questionarmos as coordenadoras se realizavam atividades que não consideram ser próprias de sua função verificamos que a maioria realiza atribuições que não são suas e justificaram que isso ocorre, em grande parte dos momentos, pela falta de pessoas para o trabalho administrativo e burocrático da secretaria escolar como podemos observar em suas falas, a seguir:

Sim, pois como a escola não tem secretária nem funcionário administrativo, ajudamo-nos para atender a demanda. (CPB)

Sim. Penso que decoração e produção de festas, às vezes atividade administrativa por necessidade da escola mesmo. Isso também acontece com a gestão, de fazer atividades de coordenação. (CPC)

Geralmente não. Mas, às vezes na ausência de profissionais ou recursos, assumimos momentaneamente atividades que fogem da função da coordenação. (CPD)

Outra atividade elencada pela CPC, a qual ela disse acreditar não fazer parte da sua função, foi a produção e decoração de festas na escola. Ela disse, ainda, que esse tipo de atividade deveria ser realizada por toda a equipe gestora. Em relação a esse movimento de parceria, a CPA acrescentou:

Quando falamos em trio gestor é buscando esta unidade de apoio entre nós, porque desta forma encontramos apoio, superação dos desafios cotidianos e sucesso na qualidade pedagógica dos nossos estudantes. (CPA)

Verificamos que, ao mencionar o trio gestor, a CPA leva-nos a entender que por ser da gestão há ações desenvolvidas por ela, que não são atribuições da coordenação pedagógica. Discordando das falas das coordenadoras, ao conversarmos com os gestores das escolas onde as coordenadoras dessa pesquisa atuam, os mesmos afirmaram que elas não realizavam atividades que fogem às suas funções, mas reconhecem, como no caso dos Gestores B e D,

a sobrecarga de trabalho dos coordenadores pedagógicos como vemos em suas falas:

O que acontece é um acúmulo de funções. Em nossa escola a prioridade para a coordenadora são as questões pedagógicas porém, existe sobrecarga. Por exemplo: Substituir o professor quando o mesmo precisa se ausentar. Preenchimento de infinitas planilhas entre outras. (GB)

Muitas vezes, devido ao acúmulo de outras demandas o coordenador acaba tendo seu desempenho prejudicado, afinal em muitas escolas esse profissional, ainda é visto como um fiscalizador focado na resolução de problemas como realizar a substituição do professor ou solucionar conflitos entre alunos. (GD)

Podemos verificar estes fatos retratados na pesquisa de Franco (2008) com coordenadores, a seguir:

A maioria considerava que gasta seu tempo prioritariamente em tarefas burocráticas, preenchendo planilhas, organizando relatórios, fazendo levantamentos, respondendo às requisições da delegacia de ensino, atendendo pais. Gastam também muito tempo organizando eventos, festas, atividades e/ou projetos específicos solicitados pela direção e/ou delegacia. Estão frequentemente aturdidos com as questões de indisciplina dos alunos e a falta dos professores. (p.123)

4.2. A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E A GESTÃO ESCOLAR

Ao solicitarmos que as coordenadoras discorressem sobre a relação que mantinham com a gestão escolar, elas foram unânimes em afirmar que possuíam um bom relacionamento. A CPB descreveu a gestão de sua escola como respeitosa, envolvida e unida em busca de bons resultados para a aprendizagem.

Vejamos essa sua colocação no extrato de sua fala, a seguir:

A gestão com a qual trabalho é respeitosa com as atividades que realizo na escola. Compartilhamos os aspectos positivos e negativos e nos unimos na busca da superação das dificuldades. A gestão está sempre envolvida nas ações que traçamos, pois entendemos que o resultado da aprendizagem depende da colaboração de todos que trabalham na escola. (CPB)

A CPD, por sua vez, destacou a autonomia que recebia da gestão para desenvolver ações, em busca de um pedagógico de mais qualidade e a CPC, enfatizou o apoio que recebia para o desenvolvimento das ações voltadas para o trabalho com os professores e com as famílias. Para Placco e Souza (2014), o significado do trabalho coletivo está numa ação conjunta dos diferentes profissionais que compõem a gestão escolar com os professores:

Trabalhando em parceria, os gestores escolares se tornam mais capazes de articular o grupo de professores, para que esse grupo e cada um dos professores esse mobilize e se comprometa com a melhoria do trabalho pedagógico na escola. (p.3)

Em relação ao conceito de trio gestor, formado pelo diretor, o vice e o coordenador pedagógico, a CPA, que exerce sua função na rede de Recife, destacou:

Hoje na Rede Municipal do Recife existe o TRIO GESTOR, e como o próprio nome o diz, temos na nossa Escola de fato um trio. Tudo de importante para fazer acontecer o pedagógico de qualidade na escola, fazemos. Temos uma unidade. E isto é muito relevante e ao mesmo tempo fundamental para tudo fluir. Lógico que desafios, frustrações, incertezas fazem parte do nosso cotidiano. Mas temos uma frase que nos define bem: vontade de acertar. (CPA)

Podemos observar nas falas das coordenadoras, embora as mesmas tenham revelado que assumem responsabilidades e tarefas que ultrapassam os limites das suas funções, o trabalho em equipe com a gestão da escola constituía-se como um ponto bastante positivo para que pudessem realizar os seus trabalhos no espaço escolar. Acreditamos que, pode ser justamente essa relação que mantinha de equipe gestora, que as levava a aceitar exercer outros papéis que não condizem com as suas funções.

4.3. A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR – ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA;

Ao solicitarmos que listassem as atividades que desempenham enquanto coordenadoras, estas tiveram bastantes pontos em comum: a organização dos conselhos pedagógicos, organização de reuniões pedagógicas, organização de formações, acompanhamento das avaliações internas e externas, reuniões e atendimento aos pais, organização dos planejamentos (anuais, semestrais e bimestrais), orientação sobre o planejamento e rotina dos professores. As coordenadoras CPB, CPC, CPD citaram, ainda, o desenvolvimento de projetos, a elaboração e reelaboração do P.P.P. presentes no discurso da CPB e da CPC. Verificamos que a lista apresentada pelas coordenadoras estão em consonância com suas concepções sobre o que acreditam ser a sua função no espaço escolar, bem como, com as falas dos gestores ao discorrerem sobre as atribuições realizadas pelas mesmas.

Quanto à organização do planejamento, as coordenadoras CPA, CPB e CPD destacaram a importância do trabalho coletivo e descreveram como esse planejamento era realizado junto aos professores e a gestão. Nessa mesma direção, a CPA acrescentou que os estagiários e professores das salas de recursos multifuncionais também participavam desses momentos, enquanto que a CPC, destacou a parceria que estabelecia com a coordenadora do outro turno, buscando uma unidade para escola.

A CPB, por sua vez, ressaltou que o trabalho coletivo na sua escola, acontecia de modo pontual com cada professor em seu horário de aula atividade e depois com a gestão, devido à falta de tempo no calendário escolar para que todos estivessem juntos participando desse momento. Nessa mesma perspectiva, a CPB, relatou a impossibilidade de momentos formativos na escola devido à falta de autonomia, pois estes não estão previstos no calendários escolar que deve ser seguido.

Vejamos o que as coordenadoras explicitaram sobre essa questão, a seguir:

Sempre considero as falas dos professores e as exigências pedagógicas para melhoria dos resultados pedagógicos, tendo como o processo avaliativo dos estudantes o caminho de referência para o ato de planejar. (CPA)

Como a escola em que trabalho funciona apenas nos horários da manhã e da tarde com 5 turmas em cada turno, eu sou a única coordenadora. Algumas atividades eu planejo na escola com o professor em sua aula-atividade e com a gestão pela necessidade de socializá-las. As demais, infelizmente, conluo em casa devido à demanda do dia a dia. (CPB)

As atividades da escola, no geral, eu planejo junto com outra coordenadora, a do outro turno e os professores. Algumas atividades são planejadas junto com a gestão sim, mas nem todas, porque as demandas são muitas e diferem. (CPC)

Geralmente planejamos em conjunto, professores, coordenação, apoio de coordenação e gestores. Levamos em consideração os processos avaliativos realizados durante todo ano, em conjunto vamos alinhando o planejamento visando o crescimento dos docentes.. (CPD)

As coordenadoras também declararam em seus depoimentos que o ponto de partida para o planejamento era a avaliação dos alunos, que embora, mesmo considerando outros pontos, esses resultados se configuram como a base para construir seus planejamentos. Percebemos que existe uma preocupação constante com a avaliação das aprendizagens, principalmente, no que diz respeito aos resultados das avaliações externas, visto que, guiam o trabalho de toda a equipe escolar tornando-se essas, na maioria das vezes, norteadoras do planejamento.

Sobre a realização da formação em lócus, após apresentarmos algumas pesquisas desenvolvidas por Domingues (2015), Placco (2014), Prado e Cunha (2014), as quais apontam que a formação docente é a principal função do coordenador pedagógico, as coordenadoras concordaram que a formação na escola é importante e que acreditavam ser responsáveis por esta, mas ampliaram essa responsabilidade também para o professor, declarando que os mesmos deviam investir na sua auto formação.

Neste sentido, as falas das coordenadoras corroboram com os resultados da pesquisa de Cunha e Prado (2014, p.6), que demonstraram, em primeiro lugar, o reconhecimento da importância da formação pelos coordenadores e, em segundo lugar, a responsabilidade por esta compartilhada como professor. Ainda quanto às formações continuadas na escola, a CPB declarou não

ter autonomia para realizá-las, por ter de obedecer ao calendário determinado pela rede.

De acordo com os autores referendados, a formação que acontece dentro da escola pode ser potencializada quando têm o coordenador pedagógico como mediador, este se configura como um interlocutor privilegiado para promoção de reflexões dos professores sobre suas práticas, assim, lhe é atribuído tradicionalmente o “papel de formador do docente na escola” (DOMINGUES, 2015, p14)

Ao término da nossa entrevista, perguntamos às coordenadoras sobre o que consideravam ser os maiores desafios por elas enfrentados no desempenho de suas funções. As respostas das CPA e CPB se aproximaram, assim como as das CPC e CPD.

A CPA destacou três desafios: a valorização da educação, a participação da família e a motivação dos estudantes. A CPB falou do desafio de motivar os profissionais da escola diante de tantos aspectos de desvalorização e fez a seguinte afirmação:

Precisamos que todos os órgãos que nos rege tenha este OLHAR DE RESPEITO E VALORIZAÇÃO, não somos apenas mais uma profissão no nosso país. SOMOS FORMADORAS DE TODAS AS OUTRAS. Enquanto uma nação não valoriza o professor, tem a tendência de sempre estacionar intelectualmente e como consequência a falta de evolução social. Pensar em EDUCAÇÃO é ter um país de pessoas críticas e conhecedoras do seu papel social. (CPA)

Sobre essa questão, Franco (2018, p. 121) ressalta que em meio a um histórico processo de desvalorização profissional de pedagogos e professores é compreensível que estes estejam em dissonância com seus diferentes papéis e sua identidade social, profissional e pessoal. Logo, levá-lo à reflexão de sua prática não é simples, por isso é preciso direcionar, analisar a “construção/desconstrução/reconstrução” da identidade profissional. A CPC pontuou como desafio ao lidar com a comunidade escolar, o de articular todas as pessoas que formam a escola, procurando fazer com que todas elas caminhem juntas, em prol de um mesmo objetivo. Concordando com a da CPD ao apontar como desafio “Lidar de forma harmônica com todos os segmentos que compõem a escola, vislumbrando o fazer pedagógico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo tomamos como premissa, a partir de relatos de coordenadores pedagógicos e de leituras acadêmicas por nós realizadas, que os coordenadores pedagógicos realizam atividades que não condizem com sua função.

Com base nos depoimentos das coordenadoras pedagógicas entrevistadas nesse estudo, confirmamos nossas hipóteses, de que elas realizam atividades que ultrapassam aquelas que seriam as suas funções no espaço escola, entre as quais, aparecem com bastante frequência, a resolução de atividades burocráticas e administrativas, a produção dos eventos escolares, como, também, como a oração na entrada do turno, a elaboração de mapas de horários dos professores, resolver a indisciplina dos alunos, substituição de professores ausentes, preenchimento de planilhas de controle de resultados.

A partir dos dados coletados, constatamos, ainda, que as coordenadoras procuram executar suas atribuições com empenho, buscando estabelecer um elo entre gestão e professores, tendo um olhar atento sobre o processo de aprendizagem dos alunos, sendo este o norteador do trabalho que desenvolvem, pois, focam nas avaliações de aprendizagem dos alunos para direcionarem seu trabalho.

Percebemos que a identidade do coordenador pedagógico, quanto ao seu papel, ainda precisa ser bastante discutida e refletida, principalmente nos cursos de formação inicial e de especialização, visto que, as coordenadoras não conseguem ainda definir seu papel no ambiente escolar e continuam executando atribuições que não lhes compete, algumas conscientemente e outras não.

Desse modo, acreditamos que os coordenadores pedagógicos precisam de mais formações que lhes proporcionem refletir sobre os processos de ensino e de aprendizagem como dialógicos, e que os ajude na compreensão do seu papel articulador, transformador e formador no ambiente escolar, a fim de que a identidade da função de coordenação pedagógica possa ser melhor compreendida à luz das teorias que a norteiam saindo do contexto de senso comum e das práticas de reprodução escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.R. de. Um dia na vida de um coordenador pedagógico de escola pública. In: **O coordenador pedagógico e cotidiano da escola** [livro eletrônico] / Vera Maria Nigro de Souza Placco, Laurinda Ramalho de Almeida, organizadoras. -- São Paulo: Edições Loyola, 2014.

AZEVEDO, J. B.de; NOGUEIRA, L. A.; RODRIGUES, T. C. **O Coordenador Pedagógico: Suas Reais Funções No Contexto Escolar.** Perspectiva Online: Hum.& Sociais Aplicadas, Campos de Goytacazes, 4 (2),21-30, 2012. Disponível em: www.seer.perspectivasonline.com.br

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 1977.

BATISTA, S. H. S. da S.; SEIFFERT, O. M. L. B. O coordenador pedagógico e a avaliação da aprendizagem: buscando uma leitura interdisciplinar In **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola** [livro eletrônico] / Vera Maria Nigro de Souza Placco, Laurinda Ramalho de Almeida, organizadoras. -- São Paulo : Edições Loyola, 2014.

CORRÊA, S; FERRI, C. **Coordenação pedagógica: das influências históricas à resignificação de uma nova prática.** Revista Entreideias, Salvador, v. 5, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2016.

CUNHA,R.B; PRADO, G. do V. T. **Sobre importâncias: a coordenação e a conformação na escola.** In **O coordenador pedagógico e os desafios da educação** [livro eletrônico] / Vera Maria Nigro de Souza Placco, Laurinda Ramalho de Almeida, organizadoras. -- São Paulo: Edições Loyola, 2014.

DAVID, R. S. **A construção da identidade do coordenador pedagógico e seu perfil profissional no contexto atual.** Revista Labor Fortaleza/CE, jan/jul 2017 Vol. 01, nº 17, p. 143-157 ISSN 1983-5000.

DOMINGUES, I. **O coordenador pedagogo e a formação continua do docente na escola.** [livro eletrônico] / São Paulo: ed. Cortez, 2015.

FERNANDES M. J. DA S. **O professor coordenador pedagógico e a fragilidade da carreira docente.** Estudos em Avaliação Educacional, local de publicação v. 20, n. 44, p 411 - 425, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.18222/eae204420092037>

FRANCO, M. A. S. **Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade.** Revista Múltiplas Leituras, v.1, n. 1, São Paulo, p. 117-131, jan. / jun. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Metodologia científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MIZIARA, L. A. S.; RIBEIRO, R.; BEZERRA, G. F. **O que revelam as pesquisas sobre a atuação do coordenador pedagógico.** Revista Brasileira Estudos Pedagógicos vol.95 no. 241 Brasília set./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/302712683>

PLACCO, M. N. de S.; SOUZA, V. L. T. O trabalho do coordenador pedagógico na visão de professores e diretores: contribuições à compreensão de sua identidade profissional. In **O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação.** [livro eletrônico] / Vera Maria Nigro de Souza Placco, Laurinda Ramalho de Almeida, organizadoras. -- São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade.** 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. **O trabalho articulador do coordenador pedagógico: a integração curricular.** In **O coordenador pedagógico e cotidiano da escola** [livro eletrônico] / Vera Maria Nigro de Souza Placco, Laurinda Ramalho de Almeida, organizadoras. -- São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VENAS, R. F. A transformação da Coordenação Pedagógica ao longo das décadas de 1980 e 1990. In: **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, 2012, São Cristóvão. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_17/PDF/47.pdf.